



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

IMAGEM TELEVISIVA, MEMÓRIA HISTÓRICA E DITADURA MILITAR

Polliana Moreno dos Santos⁵⁶
(UESB)

RESUMO

Este trabalho apresenta um projeto de pesquisa a ser realizado no âmbito da Universidade do Estado da Bahia-Uneb, Campus IV. Problematizando a inserção da Imagem Televisiva no cotidiano de alunos do Ensino Médio da Rede Pública Estadual da cidade de Jacobina-Ba e a sua repercussão sobre a Memória e o Saber Histórico Escolar, objetiva investigar a construção do pensamento histórico desses alunos e a constituição de memórias históricas. Ao mesmo tempo, visa mapear gêneros televisivos sobre as Ditaduras Militares no Brasil e América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem Televisiva; Memória Histórica e Ditadura Militar

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere no meu projeto de Dedicção Exclusiva apresentado ao DCH (Departamento de Ciências Humanas)-Campus IV-Jacobina-Ba, aprovado no primeiro semestre de 2014. Está vinculado ao Grupo de Trabalho *Ensino de História, Memória e Imagem Televisiva*⁵⁷, cujo objetivo é investigar a construção do pensamento histórico dos alunos do Ensino Básico das Redes Municipal e Estadual da cidade de Jacobina e verificar a constituição de uma memória histórica mediada pela mídia televisiva, incidindo na forma como os alunos concebem a relação presente e passado/passado e presente. Ao mesmo tempo, pretendemos realizar um mapeamento

⁵⁶ Mestre em Memória, Linguagem e Sociedade, Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia. Integrantes dos grupos: Memória Geracional, Política Educacional e Trajetórias sociais” e GEPEHS, ambos cadastrados pelo Cnpq. pollisan1@yahoo.com.br

⁵⁷ Linha de trabalho pertencente ao Projeto de Pesquisa “Memória Geracional, Política Educacional e Trajetórias Sociais”, grupo de Estudo do Museu Pedagógico da UESB. Este grupo (Cadastrado pelo Cnpq) investiga as experiências vividas no campo educacional antes, após ou até mesmo durante a ditadura militar que ainda permanecem no “presente histórico” e interferem no desenvolvimento político e social da educação, principalmente considerando as “memórias geracionais”.



de gêneros televisivos que se constituam em memórias sobre as ditaduras militares na América Latina, especialmente no Brasil. Com os discentes integrados ao projeto, busca incentivar a produção de textos acadêmicos, resultantes da pesquisa e incitar a elaboração de projetos investigativos para os seus Trabalhos de Conclusão do Curso.

A repercussão da Imagem Televisiva sobre a Memória e o Saber Histórico Escolar vem sendo investigada por mim até resultar na dissertação de Mestrado⁵⁸. Este projeto visa ampliar questões e aprofundar aspectos que não puderam ser contemplados na pesquisa do Mestrado tais como: o pensamento histórico de alunos pertencentes ao Ensino Médio, a interferência da mídia televisiva na construção desse pensamento; as memórias históricas desses alunos acerca da História Recente do Brasil, que contemple acontecimentos históricos como a Ditadura Militar; o aprofundamento da investigação da categoria “presentismo”. Nessa pesquisa busca-se também o mapeamento para a composição, ainda que inicial, de um acervo sobre gêneros televisivos que se constituam memórias históricas sobre as ditaduras militares no Brasil e América Latina.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Devemos considerar a grande importância que os meios de comunicação tem na construção da memória social. Assim é, que em geral, poderíamos dizer que atuam sobre várias “instâncias” da memória, tais como nas *memórias comuns*, *memórias coletivas*, *memórias históricas documentais* e *memórias públicas e de massa* (SÁ, 2007).

Por meio da instância das *memórias comuns*⁵⁹, os meios de comunicação de massa atuam para uma ampliação e homogeneização das memórias, “sem que haja pouco espaço para a elaboração coletiva” (SÁ, 2007). Na formação das memórias coletivas,

⁵⁸ Intitulada “A Imagem Televisiva no cotidiano dos alunos e sua repercussão sobre a Memória e o Saber Histórico Escolar”, na qual pesquisei a inserção da imagem televisiva no cotidiano dos alunos do Ensino Fundamental e suas possíveis implicações sobre a memória e o entendimento da história. Concluída em 2011.

⁵⁹ “lembranças que são comuns a conjuntos mais ou menos amplos de pessoas que não se mantêm necessariamente em interação e que, portanto não chegam a discuti-las ou a elaborá-las coletivamente”(SÁ, 2007, p.293).



conceito proposto por Halbwachs (2006), o qual Sá (2007, p.293) emprega para “designar as memórias que, em seu processo de construção, são objeto de discursos e práticas coletivas por parte de grupos sociais razoavelmente bem definidos”, os meios de comunicação têm substituído o papel que era exercido pela comunicação e pela negociação intragrupo. Quanto às memórias históricas documentais⁶⁰, os meios de comunicação de massa com a sua capacidade de registrar, transformam fatos não vividos em memórias comuns, geracionais e coletivas. Por fim, a relação entre os meios de comunicação e as memórias públicas⁶¹ se estabelece, já que os meios de comunicação vêm participando cada vez mais, por meio da mediação, da sua construção, uma vez que é nesta modalidade em que mais se observa as relações entre poder e memória, nas quais os meios de comunicação podem incidir para reforçar a lembrança ou o esquecimento.

Por outro lado, Martin-Barbero (2001) chama a atenção para o papel que a mídia televisiva exerce no enfraquecimento da memória e da história, quando na sua intencionalidade e operacionalidade está intrínseca a opção pelo presente, o que repercute no trato superficial do passado, deslocando-o do seu contexto, e alerta-nos para o perigo que este fato representa:

Em primeiro lugar, as mídias estão contribuindo para um debilitamento do passado, da consciência histórica, pois seus modos de referir-se ao passado, à história, são quase sempre descontextualizados, reduzindo o passado a uma citação, que não é mais que um adorno para colorir o presente com o que alguém tem chamado "as modas da nostalgia". O passado deixa de ser então *parte da memória*, da história, e se converte em ingrediente do *pastiche*, essa operação que permite mesclar os atos, as sensibilidades e estilos, os textos de qualquer época isoladamente,

⁶⁰ Consiste nos mais variados registros do passado, desde que mobilizados, disponíveis em museus, bibliotecas, na forma de monumentos públicos, manifestações culturais. (SÁ, 2007).

⁶¹ Estas são tomadas como uma categoria especial da memória social, sendo as memórias da “esfera pública”, esta entendida, “como o campo da vida nas modernas sociedades democráticas onde as crenças dos cidadãos acerca dos assuntos políticos são discutidas” (JEDLOWSKI, *apud*.SÁ, 294).



sem a menor articulação com os contextos e movimentos de fundo dessa época. (MARTIN-BARBERO, 2001, p.1, tradução nossa).

Esse passado transposto pela mídia não pretende incidir reflexivamente sobre o presente, ao contrário, cria um presente autoreferente, que se articula ao paradigma do fim dos projetos de mudança coletiva, do apregoamento do individualismo, segundo Martin-Barbero(2001 p.2), um passado que não “ilumina o presente”, pois,

[...] não nos permite tomar distância do que estamos vivendo no imediato, contribuindo assim a aprofundarmos num presente sem fundo, sem chão e sem horizonte. As mídias estão reforçando não criando, pois só catalisam, reforçam e alargam as tendências que vem dos movimentos do social a sensação pós-moderna da morte das ideologias e sobretudo das utopias, porque ambas são ligadas a outra temporalidade mais larga, desfocada hoje pela perda daquela relação com o passado que proporciona a consciência histórica. Tradução nossa.

Um presente desconexo do seu passado, que não o toma como referência para reflexões, remete ao conceito de presentismo. Ele faz parte da vida das sociedades modernas, porém, acelera-se com a interferência da mídia, da comunicação de massa, que incide como mais um fator na sua constituição. Através da categoria *memória mediatizada*, Sampetro & Baer (2003) problematizam a participação da mídia televisiva na produção de memórias entre sujeitos jovens e adultos e sugerem sua incidência na propagação do presentismo. Compreendem a memória mediatizada como “a representação simbólica e as narrativas que difundem os meios massivos sobre a história das sociedades as quais se dirigem. Está ligada às lógicas comerciais e industriais, à política da memória ditadas pelas instituições, à cultura política das audiências e às limitações próprias da linguagem audiovisual. [...]”. (SAMPEDRO,BAER, 2003, p.97)⁶².

Desse modo, a atualidade faz com que a memória tenha uma relação cada vez mais profunda com a mídia, porém esta relação guarda contradições, ambivalências. Por

⁶² Tradução nossa.



um lado, o presentismo está impregnado em toda a evocação midiática sobre o passado, transformando tempo histórico em atualidade periódica, marcada pela ênfase na instantaneidade. Nas suas transmissões, as mídias frequentemente não apresentam variáveis contextuais nem históricas. Ademais, a evocação do passado, convertida em fragmento de notícia, não raramente omite as conexões com as transformações históricas ou com a totalidade social.

Em contrapartida, há as posições que defendem que a mídia re-atualiza a memória, permitindo o seu alcance para aqueles que não têm acesso à educação formal nem às comemorações oficiais. Bem como a mídia participa da urdidura das memórias individuais, a exemplo dos períodos excepcionais, como quando ocorrem guerras, a memória mediatizada pode contribuir para uma “memória histórica” que, junto ao corpo social, facilite uma compreensão sobre fatos passados e, talvez, ajude a pensar sobre a “situação presente e futuros coletivos” (SAMPEDRO,BAER, 2003, p.97).

Por sua vez, na construção do conhecimento histórico, em âmbito escolar, professores e alunos vivem tempos distintos, todavia, ambos são sujeitos pertencentes a um mesmo tempo histórico, no qual a velocidade e a rapidez ditam o cotidiano, fazendo com que o próprio presente possa parecer como “onipresente”, sem relação com o passado. Este contexto pode ser agravado pela forma como a mídia televisiva, com sua mensagem imediatista, trata os acontecimentos, as informações que transmite. No processo da compreensão histórica, a memória exerce um papel fundamental, cognitivamente e socialmente na apreensão do histórico, porém, ela própria pode estar sentindo a repercussão do presentismo propagado pela mensagem televisiva, uma vez que a presença da mídia é muito evidente na vida dos sujeitos e também comparece na construção da memória.

O presentismo caracteriza-se por uma concepção imediatista que percebe os fatos e os fenômenos deslocados de uma temporalidade histórica, a qual possamos identificar suas origens, um presente sem passado, onipresente. Ele revela um aspecto epistemológico que recai numa postura do homem contemporâneo em relação à realidade, supervalorizando o transitório, conforme Santiago (2008):



Os novos estilos de vida que se caracterizam pelo culto do excesso hedonista não provocam apenas um crescimento do individualismo, mas uma dissolução das esperanças em um futuro promissor, com uma visível diminuição das ideais éticos, sócio-culturais e políticos. O entusiasmo com o progresso histórico dá lugar aos horizontes em que prevalece uma experiência com o tempo dominada pela idéia de que o usufruto de um bem é sempre precário e efêmero. Confundindo-se com a queda das construções voluntaristas do futuro e com o triunfo concomitante das normas consumistas centradas sobre a vida no presente, a civilização atual assiste o advento de uma temporalidade marcada pelo primado do “aqui e agora”. (SANTIAGO, 2008, p.91).

Por sua vez, o saber histórico escolar corresponde a uma das problematizações didáticas do conhecimento, direcionado a sujeitos que estão em processo formativo, visando à constituição do pensamento histórico e a transmissão de conteúdos importantes sobre “a humanidade no tempo” (BLOCH, 1941). Sobre o aprendizado da história, cujo teor é complexo, mas necessário para a formação do sujeito social, tal como ressalta Schmidt (2009, p.205):

Se pensarmos a educação e, portanto a aprendizagem da História, como possibilidade de internalização de determinada consciência histórica pelos sujeitos, podemos tanto falar em internalizar para manter e conservar, como também falar na possibilidade de internalização como subjetivação (interiorização mais ação dos sujeitos), com vistas às intervenções e transformações na vida prática.

Certamente não se tira lições instantâneas do passado, mas deve-se considerar que o aprendizado de uma consciência histórica, também pode contribuir para a formação de memórias coletivas, sociais, que construímos e que podem atuar como um forte componente sobre a percepção do sentido e significado de ser “sujeito” na sociedade e na história. Desse modo:

[...] os historiadores, quando trabalham com a memória coletiva, não se dedicam a recuperar do passado verdades que estavam enterradas sob as ruínas do esquecimento, mas usam sua capacidade de construir “presentes recordados” para contribuir à formação do tipo de consciência coletiva que corresponde às necessidades do momento, não extraindo, porém lições imediatas de situações do passado que não irão repetir-se, como se pode pensar, mas criando cenários em que seja



possível encaixar e interpretar os fatos novos que se apresentam: cenários em que o passado se ilumina no momento de sua cognoscibilidade [...]. (FONTANA, 2004, p.487).

Nessa perspectiva, nos perguntamos se a escola, por meio do ensino da disciplina história, está desenvolvendo o pensamento sobre a natureza do construto epistemológico do passado e como os alunos estão sendo capazes de compreender o tempo histórico inerente aos conteúdos que estudam ou estão estudando. A nossa preocupação central é que os alunos, atualmente, estão em constante contato com uma percepção presentista do tempo, propagada, principalmente, pela imagem televisiva e muitas vezes parecem não se interessar pelo ensino de história, não percebem o seu sentido e viabilidade para o entendimento do presente.

O ensino da história também se relaciona, familiarmente, com a memória social e a relação entre memória e história tem sido problematizada desde Halbwachs (2006) até autores contemporâneos como Arostégui (2004), Carretero (2007) entre outros, chegando-se ao conceito de memória histórica. Mas, a disciplina história, no ensino fundamental, estaria formando o que chamaríamos de configuração de uma memória histórica? Ou seja, o saber escolar tem participado da produção de uma memória histórica, de um passado que ainda é representativo para pensarmos o desenvolvimento da sociedade? Como afirma SÁ *et al* (2008, p.55):

De fato, conhecer a história é a condição básica para que se possa constituir uma memória de acontecimentos que as pessoas não tenham chegado a testemunhar pessoalmente ou a ter ouvido falar deles sistematicamente em seus círculos próximos. A memória histórica de acontecimentos remotos não é uma propriedade misteriosa que possa impregnar determinados conjuntos sociais, mas é sim construída – ou, mais freqüentemente, atualizada – a partir do que se sabe sobre o passado. A diferença básica é que um conhecimento pode ser adquirido e não se transformar numa memória, pois isto só ocorre quando tal conhecimento é cultivado, seja por indivíduos isolados, uns em relação aos outros – transformando-se então em memórias comuns – seja por conjuntos de indivíduos em variadas formas e intensidades de relações – constituindo-se em memórias coletivas.[...]



Desse ponto de vista, estamos considerando que o saber histórico escolar também contribui para a constituição ou recuperação de uma dada memória histórica, portanto, uma memória intencionalmente construída e que é perpassada pela vivência dos alunos, discurso e experiência dos professores, materiais didáticos, enfim, por difusores de visões sobre o passado, que ao serem “cultivados” passam a ser introjetados, internalizados como as memórias sobre uma sociedade e sua realidade. A memória exerce um papel fundamental, cognitivamente e socialmente na apreensão do histórico, porém, ela própria pode estar sentindo a repercussão do presentismo que têm provocado ou contribuído para a fragmentação do saber histórico, tornando-o carente de verdade e sentido.

METODOLOGIA

Esse trabalho seguirá com uma revisão bibliográfica das teorias da Memória e Ensino de História, bem como das teorias que tratam da imagem televisiva; elaboração e aplicação de instrumento junto aos alunos do Ensino Médio, considerando no estudo o depoimento dos sujeitos (alunos) no seu cotidiano dentro e fora da escola; cotejar os depoimentos escritos, dados, de sujeitos que compõem uma diversidade. Realizar mapeamento dos gêneros televisivos sobre as Ditaduras Militares no Brasil e América Latina.

Em relação ao pensamento histórico dos alunos do Ensino Médio das escolas públicas da cidade de Jacobina-Ba, os bolsistas aplicarão enquetes⁶³ junto aos mesmos, não desconsiderando outros procedimentos que possam vir a ser utilizados. A opção por este instrumento leva em conta alguns elementos: refletimos que, por meio da entrevista, poderemos não alcançar um conjunto representativo das turmas, pois nem todos podem querer se manifestar. Pelo questionário convencional os dados podem ser

⁶³Seguindo, inicialmente, a metodologia adotada em nosso trabalho de Mestrado, que resultou na aplicação de enquetes com os alunos do Ensino Fundamental de escolas das redes pública e privada da cidade de Vitória da Conquista-Ba.



“automáticos”, não nos permitindo uma leitura mais sensível do problema. Por outro lado, pela enquete, poderemos perceber a opinião e preferência dos alunos sobre determinados temas, mas também, levá-los a uma operação cognitiva de trabalho com suas lembranças, por meio do que será escrito por eles.

Para tanto, nos aproximamos da problematização teórico-metodológica acerca de procedimentos investigativos feita por Thiollent (1982), inspirada na enquete operária de Karl Marx (1818-1883)⁶⁴. Entre as temáticas que nos fizeram acolher a problematização feita por de Thiollent, foi principalmente o fato da enquete operária ter sido elaborada para permitir um processo cognitivo de pensar o problema proposto, pois ela impõe a temática, porém permite que aquele que a resposta possa pensar, refletir no seu decorrer. Também “a enquete operária pode ser planejada com amostras, mas os critérios de representatividade estatística não são determinantes” (THIOLLENT, 1982), ou seja, não são só os números que nos interessam, mas recolher e problematizar informações importantes junto aos alunos, que poderão evidenciar o objeto da pesquisa e um problema que talvez tenha uma dimensão muito maior do que se pensa.

A enquete também não é um fim em si, mas necessita de vigilância teórico-metodológica para que não incorra apenas num recolhimento de informações, necessitando uma série de precauções por parte daqueles que optam por este procedimento:

Sob constante controle metodológico [...] o questionamento sociológico, dependente de uma problemática teórica, consiste na investigação da realidade social por meio de um sistema de perguntas e de respostas que circulam dentro da rede comunicacional que envolve o relacionamento entre o pólo investigador e o pólo investigado. Tal circulação é interativa até o ponto de se chegar à melhor compreensão

⁶⁴Escrita em 1880 para ser trabalhada com operários industriais, serviu de modelo para muitos intelectuais de esquerda pensarem em metodologias para a pesquisa junto a operários, uma vez que no modelo de enquete proposto por Marx, estão contidas não só perguntas mas toda uma metodologia configurada pela teoria marxista. Por motivos maiores não foi aplicada. Para mais informações ver: THIOLLENT, Michel. *Crítica Metodológica e Investigação Social e Enquete Operária*. 3ª edição. Teoria e História. Polis. SP: São Paulo. 1982.



recíproca possível. Por si só, o questionamento não contém todas as garantias de antiempirismo. É no controle de sua articulação com a problemática teórica que tais garantias podem ser encontradas. (THIOLLENT, 1982, p. 25).

Percebe-se que estes cuidados correspondem, entre outras coisas, a perceber a linguagem do outro, suas formas de se comunicar, até a preocupação sistemática da problematização teórica dos dados obtidos e a relação do pesquisador com aqueles que colaboram com a pesquisa. Neste sentido, aplicaremos enquetes que terão por objetivo evidenciar questões que orientam a pesquisa, como a compreensão sobre a inserção da TV no cotidiano, a verificação das memórias históricas e midiáticas no âmbito do saber histórico e de suas idéias a respeito do passado e do presente. Aos discentes integrados à pesquisa é uma oportunidade de participar da elaboração, co-análise de um instrumento importante na pesquisa educacional.

Propomo-nos, com todas essas indagações, a averiguar, junto aos alunos, qual é a sua percepção de tempo, a forma como localizam os conteúdos e a temporalidade da programação televisiva que assistem, para dar maior dimensionalidade ao problema. Também investigaremos sobre quais gêneros televisivos eles assistem, mas, já pressupondo que serão alguns gêneros muito populares presentes geralmente em quase todos os canais da TV aberta, nacional e regional, assistidos por jovens e adultos tais como as telenovelas, os seriados, os telejornais, os programas de auditório, os *realityshows*, filmes e outras possibilidades. Desta forma, constataremos os gêneros mais assistidos pelos alunos e faremos uma breve análise dos conteúdos televisivos, buscando as relações ou implicações desse contato cotidiano sobre a memória, verificando se, de fato, há a inserção do presentismo e se o mesmo se manifesta na sala de aula, momento em que os alunos estão em contato com o professor de História.

Para o mapeamento dos gêneros televisivos, memórias históricas que tratem das ditaduras militares no Brasil e América Latina, os bolsistas participarão das diversas formas de rastreamento, como a Internet, programas da TV aberta e fechada, recorrência a arquivos de canais televisivos até a leitura de publicações especializadas ou não. O intuito é que obtenhamos estes programas, compondo um acervo documental



que sirva para análise, para a construção de futuros projetos de pesquisa e escrita de textos científicos. O acervo criado neste projeto também se somará à rede de pesquisas do GEPEHS⁶⁵ e do Grupo Memória Geracional, Política Educacional e Trajetórias Sociais, firmando uma parceria UNEB-UESB.

Para as leituras e discussão no Grupo de Trabalho “Ensino de História, Memória e Imagem Televisiva” o Campus IV disponibiliza salas de aula e orientação, onde as reuniões já acontecem desde o segundo semestre de 2014. Para a elaboração, impressão dos instrumentos e seguimento do mapeamento inicial dos gêneros televisivos o Campus também possui um laboratório de Informática, com impressoras, computadores e rede de Internet, os quais podem ser utilizados pelos bolsistas para a composição do seu banco de dados. O professor orientador também já iniciou o mapeamento dos gêneros para composição do arquivo. As escolas parceiras do projeto ainda estão sendo contactadas, sendo elas: Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães; Colégio Estadual do Junco (escola situada na zona rural) e Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro, ambas pertencentes a rede pública estadual da cidade de Jacobina-Ba.

CONCLUSÕES

Pra finalizar gostaríamos de enfatizar alguns dos resultados esperados. Estão entre eles: Apresentar análise de dados sobre a construção do conhecimento histórico escolar e a inserção da imagem televisiva no cotidiano de alunos dos alunos do Ensino Médio da Rede Pública Estadual da cidade de Jacobina-Ba; Realizar, com os bolsistas, leituras de bibliografia especializada sobre as categorias da pesquisa: Ensino de História, Memória, Imagem Televisiva e Presentismo; Incentivar junto aos bolsistas a elaboração de projetos investigativos para os seus Trabalhos de Conclusão de Curso; Apresentar os resultados da pesquisa em Eventos e discussão de textos em Linhas de pesquisa, realizando uma troca de informações e experiência com outros pesquisadores. Por fim,

⁶⁵ Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Sociedade-Uneb.



compor um acervo documental de gêneros televisivos que se constituem memórias sobre as ditaduras militares no Brasil e América Latina.

REFERÊNCIAS

- AROSTEGUI, Julio. **La Historia vivida**: sobre la historia del presente. Madrid: Alianza editorial, 2004.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução de Sergio Paulo Rounet. 7.ed. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BITENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico em sala de aula**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1998, p.149-161.
- _____. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BORDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão. Seguido de A influencia do jornalismo e os jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1997.
- CARRETERO, Mario. **Construir e Ensinar. As Ciências Sociais e a História**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- FONTANA, Josep. **A História dos Homens**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JANOTTI, M.L.M. História, Política e Ensino. In: BITENCOURT, C. **O saber histórico na sala de aula**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. 5ªed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2003.
- MARTIM-BARBERO, Jesus. A América Latina e os anos recentes: os estudos da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M.W. (org). **Sujeito**: o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense/ECA-USP, 1995, p.39-68.
- _____. Medios: olvidos y desmemorias. Debilitan el pasado y diluyen la necesidad de futuro. **Revista Etcétera**, 2001. Disponível: <www.etcetera.com.mx/pag54>. Acesso: 13.Mar.2010.
- MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- SÁ, Celso Pereira. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- _____. **Sobre o campo de estudo da memória social**: Uma Perspectiva Psicossocial. In. [Www.scielo.br/prc](http://www.scielo.br/prc). 2007
- _____. **et al . A memória histórica de Getúlio Vargas e o Palácio do Catete**. Estudos de Psicologia, 2008, 13(1), 49-56.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- SAMPEDRO, Víctor. BAER, Alejandro. El recuerdo como olvido y el pasado extranjero. Padres e hijos ante la memoria histórica mediatizada. n: **Revista de Estudios de Juventud**. “Número especial: Jóvenes, Constitución y cultura democrática”, Espanha, 2003. p.93-108. Disponível em: <http://www.injuve.mtas.es/injuve/contenidos.downloadatt.action?id=1712679829> . Acesso: 17.Jan.2010.
- SANTIAGO, Jesús. **Presentismo e novos modos de relato**: efeitos sobre o sujeito suposto saber. In: Revista Asephallus. Volume III – N. 5-nov. 2007 a abr. 2008.p.89-96. Disponível em: http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_05/clinica.htm . Acesso: 23.nov. 2009.
- SCHIMIDT, M. A. BARCA, I.(Orgs). **Aprender História**: perspectivas da educação histórica. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.
- SILVA, Kalina V; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2006. p.297.
- SIMAN, Lana. A Temporalidade Histórica como Categoria Central do Pensamento Histórico: Desafios para o Ensino e a Aprendizagem. In: ROSSI, V.LS. ZAMBONI, E. **Quanto tempo o tempo tem!** 2ª ed. Campinas: Alínea, 2003.
- THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica e investigação social e enquete operária**. 3ª edição. Teoria e História. Polis. SP: São Paulo. 1982.